



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**Bestiário Amazônico: Cultura e Comunicação em
Inglês de Sousa e Barbosa Rodrigues¹**

Lucas Alves de VASCONCELOS NETO²

Sérgio Ivan Gil BRAGA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Comunicação de resultados de pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre agosto/2016 a agosto/2017, sobre o bestiário amazônico, em Inglês de Souza, na obra Contos Amazônicos (Acauã e Baile do Judeu) e João Barbosa Rodrigues no livro Poranduba Amazonense (XIV Uacauan e XI Boi Uaçu – O Serpentário). Na análise dos textos selecionados, foram observados certos elementos estruturais, como as personagens, as unidades de ação, tempo, lugar, acontecimentos, para ler o significado das mensagens contidas nos contos. A cultura foi entendida enquanto sistemas de comunicação, agir comunicativo, que nos permitiu visualizar no bestiário, aspectos da cultura amazônica, seres encantados e regras morais da sociedade representadas nas narrativas.

Palavras-chave: bestiário amazônico; mito; moralidade; agir comunicativo

Folclore e literatura oral

Este texto tem o propósito de reconhecer a importância de narrativas orais que se expressam no folclore. Luís da Câmara Cascudo tem uma extensa produção no campo do folclore brasileiro, sobre oralidade, danças, artesanato, culinária, e etc. A partir do folclore estabelece diálogo com outras áreas do conhecimento, como a literatura, as artes, história, entre outras. Seus estudos representam uma importante contribuição para a valorização das tradições e expressões das culturas populares.

¹ Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Graduando do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FIC - UFAM, email: lucasalvesdvn@gmail.com

³Professor Titular do Departamento de Antropologia do IFCHS - UFAM email: sigbraga@hotmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Em larga medida, o conhecimento popular se propaga na oralidade. De acordo com Cascudo (1952, p.19), o termo “literatura oral” foi criado por Paul Sébillot em 1881, assinalando a “persistência pela oralidade”, “a fé pelo ouvir”. A partir de duas espécies de fontes,

“uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xícaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é a reimpressão dos antigos livrinhos, vindos de Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos Magno e os Doze Pares de França, além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, fixando assuntos da época, guerras, política, sátira, estórias de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amôres, incluindo a poetização de trechos de romances famosos tornados conhecidos, Escrava Isaura, Romeu e Julieta, ou mesmo criações no gênero sentimental, com o aproveitamento de cenas ou períodos de outros folhetos esquecidos em seu conjunto”. (CASCUDO, 1952, p.19)

Neste estudo, destacamos os “animais fabulosos” que, segundo Cascudo (1952, p.49) representam “processos de encantação e desencantação, razões do castigo, fim da punição, forma, marcha, grunido, canto, rosnado, mudam de região em região”. De um modo geral, adquirem a condição de “mito”, “presente pelo movimento, pela ação, pelo testemunho humano, pode conservar alguns caracteres somáticos que o individualizem, mas possui costumes que vão mudando, adaptados às condições do ambiente em que age”. Trata-se, de “expressão popular e democrática, alheia à exegese religiosa, é a fábula, a estória onde os animais discutem, sentenciam, decidem prêmios, castigos, ironias e louvores, substituindo os homens em suas virtudes e vícios”. (CASCUDO, 2012, pg.92).

Nestes termos, adquire importância o bestiário na literatura oral, posto que “todos fabulistas fixam no bestiário os modelos da conduta racional”, “sonoras pelas vozes de animais, confabulando com os heróis, guerreiros e príncipes, deuses e



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

maus-espíritos, com as tendências, desejos, subalternidade e graças morais idênticas”. (CASCUDO, 2012 p. 92)

No bestiário brasileiro, “as fábulas que Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, Carlos Frederico Hartt vão ouvindo são muito claras, muito naturais, mas incompreensíveis para os nossos olhos civilizados”. Em suas narrativas, “todos os animais são centro de interesse, com uma importância, uma significação, um valor dificilmente sensível ao nosso modo de ver e compreender a presença de um irracional e o sentido de sua utilização, sempre no plano da prática, da materialidade de serviços imediatos”. Na verdade, “as fábulas, parecendo ter inicialmente uma denúncia de zoolatria, são percebidas imediatamente quando o nível de sua moral lógica coincide com a nossa” (CASCUDO, 2012, pg. 92 -93).

É importante ressaltar que a fábula enfatiza uma “moral”. É nessa perspectiva que se pode apreender das narrativas conexões com a sociedade, que podem expressar através de regras, modelos de conduta, entre outros motivos, prescritivos e coercitivos, a serem observadas pelos homens.

Inglês de Sousa e Barbosa Rodrigues

A “fê pelo ouvir” nos despertou interesse em dois autores que reuniram um importante material sobre oralidade na região amazônica. Em seus contos adquire relevância o bestiário e as características dos animais que compõem a narrativa enquanto seres encantados.

Herculano Marcos Inglês de Sousa foi muito importante para o naturalismo no Brasil, sendo considerado por alguns como iniciador dessa corrente com seu livro O Coronel Sangrado, e por outros apenas como precursor, pois alguns dos grandes focos do escritor foi o homem amazônico, a paisagem e o exotismo da região. Apesar de não ter ficado muito conhecido com as suas primeiras obras, ao lançar O Missionário, que



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

em sua narrativa explora com fidelidade sobre a vida numa pequena cidade do Pará, evidencia o valor que o autor dava ao regionalismo de suas origens.

Em “Contos Amazônicos” Inglês de Sousa reúne uma série de narrativas a respeito do imaginário da Amazônia. A presença de criaturas mágicas em seus contos é uma forma de materialização dos mitos vivos da região.

No conto “Acauã”, somos introduzidos à existência de uma ave de rapina homônima ao título que é inimiga das cobras e também possuidora de um brado que é considerado como agouro de chuva ou de seca. Na narrativa, o imaginário se faz presente a partir de criaturas capazes de assumir a forma humana por meio de um processo de transfiguração. Há também a presença da figura da Cobra-Grande que assume a forma humana de uma mulher. Ambos os animais são postos como animais capazes de influenciar na existência daqueles que tomam parte dos acontecimentos narrados.

No episódio d’”O baile do Judeu”, do mesmo autor, a grande festa celebrada em Óbidos, acaba em tragédia quando o Boto arrebatava a esposa do tenente-coronel Bento de Arruda. Sobre a história paira uma referência ao episódio bíblico em que, por consequência de uma escolha dos judeus, Jesus é crucificado. Sendo assim, pode-se deduzir que o convite do anfitrião é mal recebido pelos habitantes da vila, contudo, todos acabam por ir à festa. Durante a comemoração, um sujeito não identificado acaba aparecendo e tira D. Mariquinhas para dançar. O autor descreve:

“(…) às 11 horas da noite, quando mais animado o baile, entrou de repente um sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não deixava ver o rosto, escondido também pela gola levantada do casaco. Foi direto à Dona Mariquinhas, deu-lhe a mão, tirando-a para uma contradança. (...) No meio dessa estupenda valsa, o homem deixa cair o chapéu, e o tenente-coronel, que o seguia assustado para pedir que parasse, viu com horror que o tal do sujeito tinha a cabeça furada. E em vez de ser homem, era um boto, sim, um grande boto, ou o demônio por ele (...) (SOUSA, 2006, p.85).

É nessa hora em que a mulher acaba sendo enfeitiçada pelos poderes sobrenaturais do Boto. Há ainda a incidência de uma série de desventuras com alguns



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

dos convidados que compareceram à festa, como a morte de um dos músicos e a prisão de outro.

A atividade de pesquisa de João Barbosa Rodrigues permitiu acesso às populações indígenas e seu imaginário mítico, bem como a criação literária. Com base no que diz Mário Ypiranga em “Fases da Literatura Amazonense” (1977), “além do acervo de contos e lendas indígenas coletados, preocupou-se com os estudos de língua geral (nheengatu) e dialetos que compõem os dois volumes de “Vocabulários indígenas” (1892).

Destacou-se na literatura com obras que tomaram como referência o Amazonas e a sua literatura oral, com destaque para “O muiraquitã e os ídolos simbólicos” (1889) e “Poranduba Amazonense” (1890). Neste último, reúne várias narrativas sobre seres encantados, entre os quais, o Anhangá, o Carão e a Cobra-grande, que figuram em cenas da vida amazônica.

Em “Poranduba Amazonense”, o autor introduz a figura da Cobra-grande, na narrativa “XI Boi Uaçu – O Serpentário” em que uma mulher procura auxílio junto a uma família. Sendo deixada à própria sorte, a mulher passa a se alimentar dos ovos postos pelas galinhas criadas pelos ribeirinhos que a acolheram. Acaba sendo descoberta como um encantado que assume um caráter antropomorfo. A mulher é capturada em uma espécie de pote e assim deixa para trás seu filho, também encantado, que desaparece em razão da captura da mãe.

Em outra narrativa do mesmo livro de Barbosa Rodrigues, “XIV Uacauan”, é apresentado um homem que se acaba perdendo quando vai à floresta com o intuito de caçar algum animal. Quando escurece, ele resolve procurar um lugar para dormir. É neste momento que o primeiro ser encantado surge, a Cobra-grande. Ao perceber que o caçador estava em seu recanto, ela o expulsa. O caçador alega não ter para onde ir e faz menção ao seu avô, que não se aplica necessariamente a cobra. Momentos seguintes escuta o canto do Uacauan e se dirige a ele como seu avô. A Cobra-grande teme esse



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

segundo ser encantado e deixa o homem partir. O homem, entretanto, conta o ocorrido ao Uacauan (seu avô), associando inclusive a cobra à traíra. O Uacauan cuida de matar a Cobra-grande e leva o homem para a sua terra.

Barbosa Rodrigues reuniu várias “lendas” na obra “Poranduba Amazonense”, incluindo o bestiário, com a finalidade de registrar as narrativas indígenas. Inglês de Sousa com propósitos literários transformou os contos que ouviu entre os “narradores” da Amazônia em “conto”, enquanto gênero da literatura escrita.

Arnold Von Gennep (1950, p. 84; 92) faz distinção entre lenda e conto, quando considera as narrativas orais. As lendas constituem “narrativas populares cujas personagens são designadas claramente, (por vezes até sua filiação é dada), e cuja ação se passa numa localidade precisa, muitas vezes descrita detalhadamente.” Por outro lado, “o que caracteriza o conto, não é tanto a qualidade maravilhosa de suas personagens, fadas, ogres, tragos, etc.”, mas sim “a sua impessoalidade, além de que o local da ação é também impreciso”.

Na criação literária, o conto, diferente do romance, possui uma narrativa simples, com uma “unidade dramática”, ou seja, “um só conflito”, “um só drama”, “uma só ação”. Conforme afirma Massaud Moisés (2012):

“Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente”. (MOISÉS, 2012, p. 268)

Em que pese, o entendimento de Massaud Moisés sobre o conto enquanto gênero literário, não se deve desmerecer a relevância das narrativas orais, enquanto literatura oral, importante acervo das tradições e conhecimentos populares.

O gênero literário que formula as produções de Barbosa Rodrigues e Inglês de Sousa é o Conto. Essa característica dá abertura para uma moralidade construída a partir de determinados aspectos. Por essa perspectiva, há então uma distinção entre o que as narrativas orais pregam e o que passam a transmitir quando transferidas para a literatura.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Podemos, então, apreender das narrativas conexões com a sociedade. Não seria demais dizer, que a moralidade dos contos tem como modelo, o mundo das representações dos seres imaginários.

Encantados: a Cobra-grande, o Boto e a Acauã

Nas criações literárias de Inglês de Souza e Barbosa Rodrigues, sobre os seres encantados, os mitos operam sobre o imaginário de personagens, suas vivências, noções maniqueístas, juízos de valor e condutas sociais, consubstanciadas em narrativas orais que, a partir desses autores, adquirem o viés da palavra escrita.

Raimundo Heraldo Maués e Gisela Macambira Villacorta (2011) definem os encantados como seres de natureza mágica, chamados de “povo do fundo” em razão de serem oriundos de ambientes que se localizam abaixo da superfície terrestre, podendo habitar em cenários subterrâneos ou subaquáticos. Essas criaturas seriam capazes de vir à superfície em busca de alcançar os alvos de seus desejos. Para isso, esses “bichos” assumem a forma humana por meio de um processo de transfiguração.

Maués & Villacorta (2001, p. 17), em seus estudos realizados sobre “Pajelança e encantaria Amazônica”, identificaram dois encantados muito difundidos no imaginário regional, em especial no Pará e Maranhão, trata-se de “Cobra Norato” e o “Rei Sebastião”. No primeiro caso, tem-se um casal de gêmeos que se “transformaram em cobras e deslizaram para o rio”. Depois de adultos, a irmã Maria Caninana enamorou-se de outra cobra encantada e quis casar com ela, mas Norato (Honorato) impediu, com receio do desencante dos amantes, e acabou matando os dois. Diz-se que costumava visitar a sua mãe, na forma humana, e que foi desencantado por um “soldado em Óbidos”, que o “feriu até provocar sangue, com uma faca virgem”.

No Sebastianismo, a alusão é feita ao rei de Portugal Dom Sebastião, que foi derrotado e morto na batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros, na segunda metade do século XVI, no Norte da África. Conta-se que o rei ressurgiu em terras maranhenses e



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

paraenses, em praias paradisíacas, encantado em um touro negro. Além desses encantados, os autores mencionam também os “encantados da mata”, o “Anhangá e o Curupira, nesse caso, seres perigosos, que podem provocar o mau olhado nas pessoas, ou mundiá-las”, isto é, fazê-las se perder na mata.

Eduardo Galvão (1955), em estudo realizado em Itá, nome fictício para Gurupá, localizada no Delta do rio Amazonas, identificou a importância dos “bichos visagentos” na vida religiosa dos moradores desta comunidade:

“Qualquer descrição da vida religiosa de Itá, restaria incompleta se deixasse de incluir ao lado de crenças e instituições católicas, outras, igualmente arraigadas na mente do caboclo, mas de origem diversa. Essas últimas, não podem ser postas de lado sob a alegação que se trata de superstições pagãs, porque são igualmente ativas e capazes de despertar atitudes emocionais e místicas na mesma intensidade que as do corpo de catolicismo. Mesmo aquelas cujo potencial emotivo sofreu considerável desgaste, e já não são mais atuantes na vida moderna, seu registro oferece também interesse, porque seu estudo permite compreender melhor o processo de formação, desenvolvimento e mudança do sistema religioso” (GALVÃO, 1955, p. 88).

Entre os bichos visagentos identificados pelo autor, destacam-se o “Boto”, o “Curupira”, a “Matinta-Perera”, “que na concepção dos caboclos habitam a água, o fundo dos rios, ou as florestas”, todos os seres “encantados”, ou seja: “o conceito de encantado, baseia ou entremeia as descrições de sobrenaturais de origem indígena, é em muitos casos um empréstimo europeu que não se deve desprezar porque constitui atualmente parte integrante e ativa da crença” (GALVÃO, 1955, p. 91).

Candace Slater, no seu livro “A festa do boto” (2001), elenca uma série de relatos de habitantes da Amazônia a respeito de aparições do Boto, que não é tido apenas como um animal da região, mas sim como uma criatura mágica, capaz de assumir a forma de um homem que vem para seduzir as moças da cidade. Ela descreve os encantados como guardiões de reinos ou “encantes”, e que esses espaços, apesar de se manifestarem como florestas ou até mesmo céus, a maioria está no mundo submarino. Segundo as narrativas coletadas pela autora, os encantados são seres “menos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

humanos”, que não se limitam a categoria de animais. O dever dos protetores das águas é vigiar a relação entre os animais sob sua guarda e o mundo humano.

Nesta pesquisa definimos como objetivo analisar o bestiário amazônico, nos contistas Inglês de Souza e João Barbosa Rodrigues, com vistas a entender o processo de suas criações literárias e correspondência com o imaginário amazônico expresso em seres encantados.

Imaginário dos animais fantásticos

Tzvetan Todorov (2013) classifica a análise estrutural da narrativa, que contempla o conto, em “interna” e “externa”. Ao tratar de análise interna, o autor afirma que “a literatura deve ser compreendida na sua especificidade, enquanto literatura, antes de se procurar estabelecer sua relação com algo diferente dela mesma”. Quanto à análise externa, o autor afirma que ao tratar uma obra “literária” adquire interesse o “conhecimento de uma estrutura abstrata, social ou psíquica, que se manifesta através dessa obra”.

O que realizamos enquanto análise estrutural externa dos contos selecionados de João Barbosa Rodrigues e Inglês de Sousa foi identificar as personagens e descrever as suas ações no plano real e imaginário, considerando as dimensões de moralidade que se expressam nos contos apresentados.

Na análise dos dois mitos apresentados por Barbosa Rodrigues, da Cobra Grande e do Uacauan, “mitos zoológicos” segundo este autor. E nos contos de Inglês de Sousa, com base no imaginário mitológico amazônico, no conto Acauã e Baile do Judeu, parece-nos importante retomar a ideia de moralidade enquanto mensagem presente nas narrativas (MOISÉS, 2007).

Antes de tudo, a moralidade estaria fundamentada em regras sociais estabelecidas pelos próprios homens. No caso dos seres imaginários, Cobra Grande, Acauã e Boto, quando emergem das profundezas das águas ou das matas, operam como



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

criaturas malfazejas ou benfazejas para os seres humanos. Interessante perceber, que tanto o boto como a cobra grande se utilizam da forma humana para subverter as regras sociais, trair os desígnios da condição humana. Por outro lado, a ave acauã tem o poder de reparar os malefícios dos seres encantados, de restituir uma ordem social ameaçada.

As narrativas expressam uma dualidade, com acontecimentos de reforço de uma ordem social, bem como de ameaças e provocações de desordem à sociedade. Os acontecimentos expressam mensagens prescritivas do bem e do mal

Segundo Tzvetan Todorov (2013), o gênero “fantástico”, que se aplica aos contos definidos para análise, é aquele que não é possível compreender, baseando-se nas “leis humanas”, mas sim, em leis de outra natureza,

“ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas neste caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós”. (TODOROV, 2013, p.30)

Em vista disso, surgem indagações a respeito desses acontecimentos, questionando “fatos inexplicáveis”, que formam o “fantástico”, produto da junção entre o “real” e o “imaginário”.

Gilbert Durand (2001, p. 69) reconhece que o Bestiário “parece solidamente instalado na língua, na mentalidade coletiva e na fantasia individual”. Para o autor, “de todas as imagens”, “são as imagens dos animais as mais frequentes e comuns”. É “notável que as crianças nunca tenham visto a maior parte dos animais com que sonham, nem os modelos das imagens com que brincam”, bem como “existe toda uma mitologia fabulosa dos costumes animais que a observação direta apenas poderá contradizer” diante da eficácia simbólica do imaginário.

Gilbert Durand, no livro “As estruturas antropológicas do imaginário” (2001), apresenta os “símbolos teriomórficos”, que tem forma ou correspondência aos animais, e os “símbolos nictomórficos”, em alusão à noite ou profundezas da escuridão”. Consideramos que o bestiário que definimos para estudo, a cobra grande e o boto, se



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

aplicam a essas duas categorias de símbolos, teriomórficos e nictomórficos, pois além de animais, assumem a condição de seres encantados das profundezas das águas escuras ou das matas escuras.

Durand (2001) lembra que a “salamandra permanece, para a nossa imaginação, ligada ao fogo, a raposa à astúcia, a serpente continua a picar contra a opinião do biólogo, o pelicano abre o coração, a cigarra entenece-nos, enquanto o gracioso ratinho repugna-nos”. O que atesta que “esta orientação teriomórfica da imaginação, forma uma camada profunda, que a experiência nunca poderá contradizer, de tal modo o imaginário é refratário ao desmentido experimental”.

Para Carl Gustav Jung (apud, Durand, 2001, p. 71) “o símbolo animal seria a figura da libido sexual”, “o pássaro, o peixe, a serpente eram para os antigos símbolos fálicos”. Além desses animais, Durand acrescenta “o conteúdo quase completo do bestiário: touro, bode, carneiro, javali, burro e cavalo”. Trata-se da “sexualização da teriomorfia”.

Para Claude Lévi-Strauss (1980), é através da palavra que se tem acesso aos mitos. Entende-se por mito, segundo o autor, a categoria do nosso pensamento que se presta a explicação de fenômenos naturais, religiosos, de relações sociais e outras situações da existência humana. Além disso, o mito serve de base aos modelos sociais de conduta dos homens. Para o autor, os mitos podem apresentar variações sobre um mesmo tema, tal como se observa na mitologia sobre o Boto e a Cobra-grande, cujas situações nas quais se manifestam apresentam diferentes personagens e circunstâncias. Esse fenômeno se justifica uma vez que não há o mito verdadeiro, mas diferentes versões de uma mesma base geral.

Para George Gusdorf (1979), o mito adquire importância na humanidade em diferentes lugares e temporalidades. Nas palavras do autor:

“Os mitos, em sua proliferação, levam ao ato tudo o que está inscrito em potência no coração do homem. O estudo dos contos populares, no quadro do folclore, já fez vir à tona a notável universalidade destes relatos: personagens, situações, peripécias repetem-se de um a outro extremo do mundo através do tempo e do espaço. Esta



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

difusão é tão geral que exclui toda possibilidade de transmissão por simples contato de uma zona de cultura com outra. Devemos admitir uma espontaneidade original da função fabuladora que inventa quase as mesmas histórias por toda a parte onde há sociedades humanas”. (GUSDORF, 1979, p. 267).

Posto, que os homens procuram explicar através de histórias semelhantes os acontecimentos que são próprios da condição humana.

O que dizem os mitos do bestiário?

Segundo Mircea Eliade (1994), estudando a cultura indígena norte-americana, dos povos da antiguidade clássica, entre outros, há uma categorização que pode ser aplicada às narrativas míticas. Existem os “mitos verdadeiros” e também os “falsos”. Os verdadeiros são histórias de caráter cosmogônico, descrições da “era fabulosa”, o período em que o mundo passou a existir. Em contrapartida, os falsos seriam aqueles nos quais figuras profanas realizam ações de ordem inversa ao que é considerado sagrado. As primeiras descritas tratam das regras morais que regem e protegem os homens, e as últimas, representam as ameaças que os rodeiam no mundo.

Os mitos analisados, no que se refere aos encantados, é provável que sejam equivalentes as histórias com aspecto profano, “falsas” conforme Eliade (1994), uma vez que se tem a presença de seres maléficos atuando na vida dos indivíduos. O autor ainda sugere que o homem é o resultado de atividades/eventos míticos. Sendo assim, o mito serve a sociedade e permite explicar acontecimentos humanos.

Georges Gusdorf (1979, p. 303) coloca o mito “como a expressão de um conjunto de valores naturalizados, realizados, que garantem o assentamento de uma sociedade bem integrada”. Com base nisso, as narrativas orais transpostas para os contos de Barbosa Rodrigues e Inglês de Sousa, enquanto “histórias verdadeiras” e “falsas”, como sugere Eliade (1994), são reflexos da moralidade construída socialmente pelas comunidades amazônicas. O mito denota, então, as regras morais que regem os elos sociais.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Na literatura selecionada, o caráter mitológico se configura como um direcionamento a conduta dos homens, uma vez que configuram traços opositivos entre sentimentos humanos, como por exemplo, justiça e injustiça, fidelidade e infidelidade, segurança e desamparo, entre outros.

Luís da Câmara Cascudo (2012) reconhece que o conhecimento indígena já estabelecera a distinção entre histórias verdadeiras e falsas nas expressões “Poranduba” e “Maranduba”.

“É verdade que Poranduba pode também ter esta significação, porém, então a etimologia é outra, vem da mesma preposição Poro e do verbo Endub, escutar, sentir, donde o verbo Porandu, perguntar, questionar, interrogar. No mesmo caso está Moranduba, que se deriva do Moro por Poro, Ndu e Abu terá a mesma significação, podendo porém ser também novidades, derivando-se de Mbaé, ou Maá e Andub, entrando o R por eufonia. No Amazonas há Maranduba, isto é, as histórias que os chefes, os pais, contam à tribo e aos filhos, perpetuando os feitos de seus avós, porém então a interpretação é outra; vem de Marã, desordem, barulho, guerra, e Andub, notícias, histórias de guerras e de fatos verdadeiros e não fantásticos ou mitológicos, como as que refere a Poranduba”. (CASCUDO, 2012, pg.83)

Diz o mesmo autor que, no “norte do Brasil, onde os indígenas tupis viveram para confidenciar suas porandubas aos naturalistas, os animais governam, pecam e são superiores”. (CASCUDO, 2012, p. 83)

Cultura e Comunicação

Raymond Williams (2015) nos ensina que a cultura deve ser entendida enquanto sistemas de comunicação, posto que a comunicação seria a notícia depois do evento. Por meio do bestiário amazônico, o mito age como um agente de conservação da cultura, um reforço da vida social. Mas também como ameaça a ordem estabelecida pelos homens.

Em Acauã, de Inglês de Sousa, o pai que adota uma criança sem saber que se tratava da cobra grande, a irmã de criação que suga toda a energia vital da irmã legítima.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Em Uacauan, de Barbosa Rodrigues, o homem que tem como avô a acauã através de um parentesco que se estende a essa criatura do bem capaz de resguardá-lo das ameaças da Cobra Grande.

Mas há também prescrições morais de como se deve viver a religiosidade, no conto Baile Judeu de Inglês de Sousa, no caso do Judeu Bento de Arruda que convida a comunidade para uma festa, cuja acolhida não foi bem aceita e inesperadamente recebe a visita do boto, que rapta a sua própria esposa. Neste caso, a interpretação do infortúnio ficou por conta do judeu Coronel Bento de Arruda, que excluía alguns convidados da sua festa, incluindo a pessoa que posteriormente se transformou em Boto. O anfitrião foi punido com a perda da esposa levada pelo boto para a profundidade das águas.

Diante do exposto, o que se pode observar nos contos analisados é que eles expressam mensagens de moralidade, enquanto regras de conduta, que adquirem sentido entre os homens e os animais que figuram nas narrativas.

Jürgen Habermas (1990) considera que existem “vários nexos” entre “a ação e a linguagem”, entre “o agir e o falar”. O “agir” como “certas atividades corporais comuns do dia-a-dia, tais como, correr, fazer entregas, pregar, serrar”. O “falar” enquanto “atos de fala, tais como, ordens, confissões, constatações”. (HABERMAS, 1990, p.65)

Os contos apresentam àqueles que ouvem ou leem as histórias dos animais encantados uma notícia depois do evento, histórias “falsas” de seres que atemorizam e em certos casos, protegem os homens. Assim, os mitos, enquanto palavra, representam ordens, prescrições, conselhos, para que se mantenha certa ordem social. Conforme Habermas (1990), um agir comunicativo que se realiza em “atos através dos quais um falante gostaria de chegar a um entendimento com um outro falante sobre algo no mundo”, no plano da palavra ou das atividades corporais.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952.
- _____. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, tradução Póla Civelli, São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GENNEP, Arnold Von. **Folklore**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950.
- GUSDORF, Georges. Mito e Metafísica. São Paulo: Convívio, 1979.
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Totemismo Hoje. In: Lévi-Strauss - Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MAUÉS, Raimundo Heraldo. VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e Encantaria Amazônica. In: PRANDI, Reginaldo (org.) Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- MOISÉS, Massaud. A criação literária: poesia e prosa. São Paulo: Cultrix, 2012.
- _____. A análise literária. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga (1977) Fases da literatura amazonense. Manaus: Imprensa Oficial.
- RODRIGUES, João Barbosa (1870) Poranduba Amazonense. Volume XIV. Rio de Janeiro: Unicamp Biblioteca Central, 1887.
- SLATER, Candace. A festa do boto: transformações e desencanto na imaginação amazônica. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.
- SOUSA, Inglês de. Contos amazônicos. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro, tradução de Beatriz Perone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. As estruturas narrativas, tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectivas, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.